

XIBERRAS, MARTINE. AS TEORIAS DA EXCLUSÃO. PARA UMA CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO DO DESVIO, INSTITUTO PIAGET, LISBOA, 1998, 251PP.

Resenha por Rosza W. Vel Zoladz

Martine Xiberras é doutora em Antropologia Social e Cultural, professora no Departamento de Sociologia da *Université Paul Valéry – Montpellier III*, França onde dá cursos e dirige pesquisas. Coordena a redação da revista *Cahiers de l’Imaginaire* que é editado pelo Conselho Científico daquela Universidade numa parceria com o *Centre d’Études sur l’Actuel et le Quotidien (CEAQ)* que tem como diretor Michel Maffesoli (*Sorbonne*) também à frente da revista. O convite gentil de Maffesoli para compormos o *Conseil Scientifique International* do “*Comité de Recherches de l’Imaginaire dans l’expérience collective*” que integra a estrutura da *Association Internationale de Sociologues de Langue Française (AISLF)*, fez ver de maneira mais próxima Martine Xiberras, Marina D’Amato (*Università Degli Studi di Roma, Itália*) e Denis Jeffrey (*Université Laval – Quebec, Canadá*), todos membros daquele Conselho.

Assim, junto de Martine Xiberras, que é também autora do livro *La société intoxiquée* (Paris, 1989), percebemos que os múltiplos interesses intelectuais não a impedem de transitar com desenvoltura por reflexões profundas, fazendo um gancho com o tecido sócio-cultural que revela a exclusão. É sobre esse aspecto que se debruça, elegendo-o como um *lied* do seu livro atual, anteriormente publicado na França (1996) e cujo conteúdo sociológico coloca uma indagação: quais as idéias e valores que impregnam a construção social do fenômeno da exclusão?

As respostas que dá são várias e o faz com denso humanismo, mostrando a exclusão em suas representações multifacetadas, ao mesmo tempo antigas e recentes. Antigas porque já na Grécia localizava-se a existência de mecanismos que expulsavam da *Pólis* indivíduos portadores de alguma anomalia física ou, até mesmo, de um olhar estranho. Mas é preciso aqui fazer uma advertência. O que se deve considerar é que tais indivíduos tinham essas características reconvertidas,

transformando-os em oráculos, adivinhos consultados pela aristocracia. É o que se constata na mitologia grega. Mudando de lente, fica-se com exemplos nas sociedades indígenas, e deparamo-nos com verdadeiras tempestades. Em muitas delas, o xamã será identificado por algum sinal ou comportamento estranho que justificavam o seu encaminhamento a um papel importante tal como o de exercer domínio sobre a vida e a morte das pessoas. Torna-se necessário dizer que, nos casos assim identificados, cobrava-se a comprovação da eficácia quanto às práticas e às expectativas que lhes autorizava o direito ao exercício do seu papel. Num ensaio magistral da autoria de Lévi-Strauss (1967, p. 193-213) como é “O feiticeiro e sua magia”, o antropólogo, baseado no que Franz Boas (1930) escreveu no livro “A religião dos Kwakiutl” (da região de Vancouver, no Canadá) diz que um certo Quasalid não acreditava no poder dos feiticeiros, ou, mais exatamente, dos xamãs. Impelido pela curiosidade de descobrir suas fraudes e pelo desejo de desmascará-los, pôs-se a freqüentá-los, até que um deles se ofereceu para introduzi-lo em seu grupo, onde seria iniciado e tornar-se-ia rapidamente um dos seus. Para encurtar nesse mesmo ritmo a narrativa, Quasalid transforma-se num deles e é desmascarado, dando-se o que Lévi-Strauss caracteriza de desaparecimento do *consensus* social (p. 208ss). Então conclui que o problema fundamental é, pois, o da relação entre um indivíduo e o grupo ou, mais exatamente, entre um certo tipo de indivíduo e certas exigências do grupo. Com isso, tornam-se manifestas as questões que se localizam no âmago do que se examina aqui, não apenas registradas nos dias atuais, já que eram encontradas em sociedades as mais diversas, sob a forma de exílio, ostracismo, – na civilização hindu – ou sob a forma de gueto, na Idade Média. A exclusão era, portanto, parte e parcela do que definia a normalidade, sinalizando-a por meio de contrastes sem mobilizar a consciência moral ou política.

De fato, nas sociedades modernas, a loucura, como paradigma exemplar da exclusão, encarnou uma nova feição do mesmo problema, numa forma até então inexistente. Sob o pretexto de eliminá-la, dá *a contrario* uma espécie de reabilitação, por meio de uma outra maneira de equacioná-la: espaços especializados foram criados com tais propósitos, como se pode ver em Canguilhem (*Le normal et le pathologique*, 1972), Michel Foucault (*História da loucura*, 1999). O fato é que a exclusão receberá outras denominações como *outsiders*, liminares, vícios, anomalia, desvio, sem resolver, no seio da sociedade, situações que ela mesma produz. Dessa maneira, para Mary Douglas (*Pureza e perigo*, 1976, p. 20) o excluído não é o autor de sua exclusão. Assim, interessa conhecer como se elabora essa categoria, observando o que Martine Xiberras diz a respeito.

A antropóloga mostra, logo no índice do livro (pp. 247-251) a costura dos capítulos ali apresentados como se fossem os pontos que ali alinhavam o debate da exaustividade da exclusão para, em seguida, discutir as teorias da sociologia

clássica; depois discute a sociologia contemporânea, terminando com o exame da modelização e sua aplicação. Na verdade, esse último capítulo abre-se numa espécie de elenco de proposições novas capazes de trazer alterações ao que é ainda hoje convencional sobre o assunto que se configura, como um *iceberg* que leva mil anos para derreter. O que é interessante e o que incita à leitura do livro é o fato de Martine Xiberras concentrar-se no que denomina de laço social. É evidente que se tem aí uma visão resultante dos diferentes enfoques teóricos da exclusão, enfatizando, do ponto de vista da Escola Francesa de Sociologia, a solidariedade. Durkheim (1858-1917), Max Weber (1881-1961), Georg Simmel (1858-1918) – cada um no seu jeito – são considerados, e com razão, “os pais fundadores” do exame da categoria sociológica em causa (p. 41). A complexidade aí embutida é por eles desvelada com rara delicadeza quanto ao encadeamento das formas com que se constitui o corpo social e as interações múltiplas que ligam o todo e os seus componentes. A solidariedade passa a ser o assunto sobre o qual Martine Xiberras detém-se, pois faz uma espécie de Raio X das relações da sociedade com seus excluídos, a partir das pesquisas que realizou na França.

Com Durkheim, os modelos de solidariedade mecânica e orgânica, belamente apresentados no seu livro “A divisão do trabalho social” (1977, 2 vols.), são os alicerces que fundamentam a maior ou menor intensidade com que o laço social se configura como componente essencial da vida de relação (*Lebenswelt*). Durkheim está mais do que certo ao colocar essas duas formas como o motor das relações sociais. Mas, Martine Xiberras reconhece que, nas sociedades contemporâneas, a predominância da solidariedade orgânica precisa ser repensada: e pode-se sentir claramente que há muito ainda a pesquisar sobre esse aspecto e outros que dizem respeito ao tema. Com a mesma finalidade, Xiberras apoia-se em Max Weber, que, na sua sociologia compreensiva (*Verstehend Sociologie*) propõe a elaboração de modelos explicativos capazes de repensar a predominância da racionalidade e do individualismo que impregnam o interior das sociedades. Aí está uma das primeiras contribuições para os estudos que procuram contemplar a solidariedade, especialmente quando se trata de examinar o laço social, como se configura, para clarear, como a autora faz, suas formas plurais.

A citação de Georg Simmel é mais que adequada já que se deteve e procurou estudar “Como as formas sociais se mantêm” (1896-1897) com êxitos e impasses, sem deixar de lado a discussão do indivíduo, como se vê no seu ensaio “O estrangeiro” (1908). Os obstáculos experimentados por alguém que está de passagem e veio para ficar – como é o caso do imigrante – que estabelece laços sociais no seio da comunidade ou no seio da sociedade (P. 65), vai, pouco a pouco, colocando em primeiro plano o exame da cidade. Suas articulações com a exclusão não passaram despercebidas pela Escola de Chicago nos anos 20. A

cidade aparece, então, como o verso e o reverso de uma situação insatisfatória, pois é unitária na absorção de grandes contingentes humanos e, com isso, possibilita perceber a sua ineficácia em integrá-los. E assim, tem-se a emergência da exclusão, pois os limites atuais em desfazê-la são bastante insatisfatórios. Martine Xiberras dá, sem dúvida, excelentes informações sobre a relação cidade/exclusão, mas ficamos desapontados ao deixar de encontrar alguma referência sobre E. Stonequist, autor do livro "O Homem Marginal" (1948). Sem se submeter à tirania de um conceito, Stonequist enuncia a questão problematizada, privilegiando o enfoque cultural de algo que é inseparável da precária confluência do indivíduo com a vida organizada, que se dá, na cidade formatada pela racionalidade. O proveito do que se tira do que diz Stonequist é que deixa aflorar uma curiosidade mais aberta, imediatamente conduzida ao estudo da cultura na qual se dá o eco de uma comunicação almejada entre duas formas de estar no mundo: aquela a que o indivíduo pertence e a outra a que aspira participar. É fora de dúvida que, na atualidade, essa redução binária necessita ser motivo de reserva ainda mais pelo fato de haver contatos intensos entre diversas culturas, o que torna a exclusão decorrente em grande parte desse fenômeno. Nesse ponto é muito útil o que Jean Duvignaud diz ser a solidariedade: título de um dos seus livros (1986) que recebeu o prêmio *Academie de Dijon*, somente atribuído a J.J. Rousseau. Para Duvignaud, a solidariedade – *idée force* – é a argamassa que gruda as interações e sem ela, no fim das contas, nascem as características próprias do que Martine Xiberras caracteriza como danos que ocasionam nos indivíduos, grupos e sociedade: essenciais à relativização para, então, encontrar sua dialética com o que se denomina de categorias apagadas (Vel Zoladz, 1990). E isto porque, ao mesmo tempo em que são como que inexistentes, têm consciência de que existem carregadas de preconceitos e impotência. Ao serem assim denominadas, sugere-se levar em conta que as categorias apagadas, não raras vezes, mostram outras formas de organização, aspirando, no entanto, às que são dominantes numa sociedade(s), numa cultura(s). Acresce o fato de que, ainda que numericamente expressivas, a sua visibilidade é anulada. Enquanto expressão dessa complexidade, não é uma tarefa fácil aprender os mecanismos dos quais lançam mão para experimentarem uma existência possível. Essa complexidade se dá num vasto campo de empenhos e esforços entre o obscuro e o visível que é dado a Deus resolver, como se lê no Velho Testamento. O esoterismo, a leitura das vísceras e todo tipo de adivinhação, visando à veneração de deuses era condenado, porque o destino é um segredo de Deus. Como o visível e o invisível tornaram-se coisa do homem e, a partir daí, as múltiplas leituras que suscitam autoriza a existência do que foi proposto por Max Weber, ou seja, o politeísmo de valores. É assim em nossos dias. Xiberras diz a mesma coisa com outras palavras: "(...) trata-se de nomear o objeto, para dele fazer uma coisa dotada

de forma e localização no espaço” (p. 148). Cabe aqui citar Cícero (*L’amitié*, 1996, p. 137), para que as categorias apagadas apontem uma direção que viabilize o entendimento das formas que adquirem. E, segundo ele: “é preciso amar a si mesmo mais do que ao outro?” Algo já pensado por Aristóteles.

Conforme Stonequist, o debate concentra-se na contingência de uma expressão problematizada. Seja naquilo que se desdobra nas fronteiras da vida social ou nessa aventura que começa mais longe, pois seus sentidos se relacionam com a precária condição humana de se relacionar com o outro, o diferente. Descubram-se os desajustamentos e a inadequação quanto às formas de expressão que são aqui empregadas com o intuito de dizer o que é a cultura ou as culturas, que impõem, na sugestão de Stonequist, como que um pesadelo e um meio de desentendimento. As coisas, entretanto, não são bem assim. O que é preciso dizer é que a contaminação que se dá nas regras, normas, hábitos, costumes é um fenômeno generalizado em nossos dias; e vai-se constituir numa espécie de polifonia resultante da mediação, filtragem ou a retradução dos componentes das culturas, dando-lhes dimensões as mais diversas. Mas quaisquer que sejam essas alternativas não se deve ignorar que não se desfazem as contingências demarcadas pelas reduzidas possibilidades em levar avante uma inserção qualificada. Elas esbarram e são direcionadas por aquilo que Michel Maffesoli (*L’instant éternel. Le retour du tragique dans les sociétés postmodernes*, 2000, p. 130) denomina de *Oxymoron* do território flutuante que marcou e continua marcando as sociedades atuais. O que daí decorre e o que se tem é em nível da coesão – e a vida social depende disso – é uma espécie de sintaxe enfiada que não ondula os movimentos nos quais se dá a participação social. Como repercussão desse dado concreto as categorias apagadas estabelecem outras possibilidades de inserção nas suas formas diversificadas de relações e interações, incertezas quanto ao que é socialmente esperado e o que é mais doloroso, que comportamentos poderiam expressar a conformidade denotada a culturas que se tocam e, talvez, seja interessante observar no que elas se interpenetram. Cada um desses aspectos não desfaz um tipo de ordenação que sempre dissimula o propósito de separar indivíduos que acabam espartilhados numa ordem de coisas, que segue uma “lógica” que se torna mais um resultado quantificado. Ao considerar essa constatação, vê-se que não é levada em conta a variedade de formas que a cidade possui, mas que acaba sendo explícita, ou seja, explicitamente considerada somente como centralidade. Inversamente, isso se dá no interior de um ténue equilíbrio no seio da heterogeneidade e da fragmentação que são próprias da cidade. O que se tem como resultado advindo das forças uniformizadoras da cidade, é uma contraintegração, por assim dizer, e a transitoriedade que não tem fim deve ser considerada como versão de Sísifo, que recomeça permanentemente a caminhada

com as pedras até o topo da montanha, as quais, mal chegado ele ao cume, rolavam para baixo, puxadas por seu próprio peso. O desfecho dessa passagem é bem conhecido. Sísifo recomeça a tarefa e é e será assim por toda a eternidade.

Desfazendo-se desse fatalismo, longe de fechar os olhos a dicotomias reais existentes, já que é isto ou aquilo, pode-se dizer que há uma outra ou outras alternativas que vão além dessas restrições. E é na existência dessas possibilidades que é preciso estar atento ao caráter híbrido, pouco levado em contas, das curvas sinuosas que o mais astucioso de todos os mortais, como era o filho de Éolo, descrevia; essa árdua caminhada não o impediu de ser o fundador de Corinto. É difícil acreditar que Sísifo carregasse o seu fardo em linhas retas...

Nesse ponto, algumas sugestões podem ser extraídas da análise do que compõe o subtítulo do livro de Martine Xiberras. Ela não trata especialmente em algum capítulo os temas que ali se encontram. Curiosamente, aparecem como o eixo do livro ao deter-se no policulturalismo (p.222ss), para enfatizar que a solidariedade(s) necessita se exprimir, constituir-se contra a atomização social ou contra a anomia. Como decorrência dessas considerações, o subtítulo do livro, i.e., para uma construção do Imaginário do desvio, mostra que vem embebido na emoção e na sensibilidade que inexistem fora de alguma imagem, de alguma forma, dando-lhes outros sentidos, fornecidos pela cultura(s) e suas referências contextuais, conforme Jean Duvignaud (*A imagem e seu contexto cultural*, 1983). Nesse processo, a experiência concreta, o dia-a-dia, o cotidiano, a vivência são a matéria prima que nutre o Imaginário como parte do ato de sentir, de emocionar, do sonho, da arte que, antes de tudo, têm no lúdico, na fantasia, a densidade do que se vive. É esse o enfoque do Imaginário na pós-graduação em artes visuais da EBA/UFRJ (linha de pesquisa da imagem e das representações culturais). Desse modo, pode-se compreender o belo prefácio do livro, assinado por Julien Freund. Desnecessário assinalar a sua importância, pois o autor é bastante conhecido pela dedicação às idéias de Max Weber, Georg Simmel, tendo sido o tradutor para língua francesa de obras desses dois sociólogos. Julien Freund teve esse mérito e o prefácio com que brinda os leitores do livro de Martine Xiberras foi um dos últimos textos que assinou em vida. O privilégio que se tem em usufruir dessa criação intelectual do sociólogo, que fez a sua carreira brilhante na *Université de Strasbourg* (França), se unifica com a oportunidade de reencontrar António de Oliveira Cruz, diretor da divisão editorial do renomado Instituto Piaget de Lisboa (Portugal). O seu interesse pela pesquisa da exclusão não é de hoje e já, em 1989, presidia o Congresso Internacional da Integração laborial e social, promovido por aquele Instituto.